

"Apesar da transição para a democracia, práticas antigas de silenciar os críticos estão sendo recicladas em novas atitudes."

Irene Khan, secretária-geral da Anistia Internacional, ontem, no Rio de Janeiro, ao lançar relatório sobre os ativistas dos direitos humanos, que estão sendo mortos na América Latina mais do que em qualquer outra região do mundo.

A dinâmica dos empresários nanicos



MARCELO
CÔRTE
NERI

A alta e crescente proporção de indivíduos que trabalham por conta própria nos últimos 15 anos tem sido interpretada como um sinal de um movimento de precarização das relações de trabalho no Brasil. Nesta perspectiva, os trabalhadores por conta própria seriam encarados como tendo ocupações próximas das dos trabalhadores sem carteira de trabalho, constituindo o chamado setor informal do mercado de trabalho brasileiro. As duas principais características deste segmento seriam a baixa qualidade dos postos de trabalho e a alta evasão de impostos.

Uma visão alternativa enfatiza o caráter inovador e empresarial do segmento dos autônomos. Os trabalhadores por conta própria constituiriam embriões de pequenas empresas. Neste sentido, os autônomos seriam ocupações próximas dos empregadores e não dos trabalhadores sem carteira de trabalho. Os rendimentos dos conta-própria e dos empregadores correspondem ao retorno sobre o capital de risco. Esta característica contrasta com as relações de trabalho de empregados de caráter contratual (formal ou informal). Ou seja, enquanto o rendimento do primeiro grupo corresponde-

ria ao lucro sendo determinado por resíduo, o rendimento dos empregados seria independente dos resultados apresentados pelas atividades produtivas.

A alta heterogeneidade encontrada no mercado de trabalho brasileiro abre espaço para a coexistência de dois tipos de trabalhadores por conta-própria: as atividades de subsistência e aquelas onde existe um potencial de acumulação de capital. A questão seria: qual é a importância relativa de cada tipo dessas atividades no bojo do grupo de trabalhadores por conta-própria? Dito de outra forma, a tendência deste grupo é de prosperar, estacionar ou regredir?

Esta questão pode ser respondida através da análise dos movimentos dos conta-própria para as diferentes posições na ocupação. Por exemplo, o movimento dos trabalhadores por conta-própria para atividades consideradas mais precárias como os trabalhadores sem carteira de trabalho, indicaria uma baixa qualidade da ocupação de conta-própria. Seria algo como: me diga para onde vais, que eu te digo quem és.

Analisamos o destino de habitantes metropolitanos inicialmente identificados como conta-própria transitarem em direção a outras posições na ocupação e na desocupação. Distinguimos dois padrões de movimentos: a) Em primeiro lugar, apenas 71% dos trabalhadores por conta-própria tendem a permanecer com a posição na ocupação inalterada entre dois meses consecutivos. Esta estatística aponta para uma alta instabilidade da atividade; b) Os

29% remanescentes de trabalhadores por conta-própria podem ser divididos em três tipos básicos: i) os que migram para estados considerados mais precários, aqui identificados como os trabalhadores sem carteira, os desempregados, os inativos e os não remunerados, cerca de 22% do contingente dos inicialmente conta-própria; ii) aqueles que transitaram da posição inicial de conta-própria para a posição de empregador, 3,5% do conjunto dos inicialmente conta-própria; iii) finalmente, os restantes 3,5% dos trabalhadores por conta-própria estariam migrando para atividades que não poderiam ser necessariamente consideradas como precárias como empregados formais.

Em suma, observamos que o estado de conta-própria é instável e uma grande parte das freqüentes transições dos trabalhadores por conta-própria apontam em direção a uma redução na qualidade de seus postos de trabalho. Ambas as características conferem, a princípio, um caráter predominantemente precário às atividades dos autônomos.

Mas quais seriam os fatores determinantes por trás do sucesso do seletivo grupo de autônomos que conseguiu prosperar? Olhamos aqui para a probabilidade condicionada de os indivíduos se moverem da posição de conta-própria à posição de empregador em períodos de cinco anos por fornecerem uma visão de prazo mais longo. Chefes de domicílio, brancos e homens são mais prósperos em suas respectivas atividades de conta-própria.

A falta de êxito empresarial entre ne-

gros e pardos esteve sujeita a vários estudos nos Estados Unidos. A variável religião é não-estatisticamente diferente de zero, o que nos permitiria rejeitar a existência de efeitos de ética protestante weberiana como determinante da prosperidade entre os trabalhadores por conta-própria.

A variável idade e idade ao quadrado indicam um perfil de ciclo de vida sob a forma de sino. O pico da nossa medida de êxito microempresarial é atingido por volta dos 52 anos de idade. A variável anos completos de instrução indica a importância fundamental assumida por políticas edu-

Qual é a importância relativa das atividades por conta-própria de subsistência daquelas com potencial de acumulação de capital?

cacionais como base do êxito microempresarial. Finalmente, uma variável que captura o conhecimento simultâneo do nome de prefeito, governador e presidente também representa um papel importante para explicar a probabilidade da transição específica sob escrutínio, similar em magnitude aos atributos sexo, raça e posição na família supracitados. Essa variável de conhecimento é percebida como um indicador de qualidade de educação, ou de conectividade com o mundo.

As associações de caráter produtivo, como cooperativas, parecem impactar positivamente a taxa de êxito dos traba-

lhadores por conta-própria. Aqueles que promoveram a incorporação, ao menos regular, de novos equipamentos, apresentaram também probabilidades mais altas de transição para a posição de empregador.

As variáveis Minas Gerais e São Paulo — relativas ao setor industrial — apresentaram um efeito positivo na probabilidade de migrar de conta-própria para a atividade de empregador. Note que os resultados apresentados revelam que a ascensão dos trabalhadores por conta-própria do Rio de Janeiro se situam em um nível inferior ao desempenho dos trabalhadores por conta-própria paulistas e mineiros, sendo mais próxima da dos nordestinos.

Nesse sentido, a conhecida informalidade (jeitinho) carioca pode livrá-lo do desemprego (a menor taxa de desemprego metropolitana), mas não oferece uma real possibilidade de crescimento e acumulação de capital para os autônomos locais.

Em termos práticos, os resultados indicam que políticas fomentadoras de novas tecnologias, de associativismo e de capital humano (aí incluindo quantidade e qualidade da educação) poderiam possibilitar um maior nível de sucesso dos trabalhadores por conta-própria contemplados por essas iniciativas.

Marcelo Côrtes Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais do IBRE/FGV e professor da EPGE/FGV, é autor de "Cobertura Previdenciária: Diagnóstico e Propostas, MPAS, 2003" e escreve mensalmente às terças-feiras. E-mail: mcneri@fgv.br